

Fracasso do ensino torna sem poesia o sonho das normalistas

Regis Farr

Arquivo/12.4.80

"Vestida de azul e branco/ Trazendo um sorriso franco/ No rosto encantador/ Minha linda normalista/ Rapidamente conquista/ Meu coração sofredor".

"Eu a vejo todo dia/ Quando o sol mal principia/ A cidade a iluminar/ Eu venho da boemia/ E ela vai, quanta ironia/ Para a escola trabalhar".

Normalista e Professora foram músicas de sucesso com Nelson Gonçalves e Sílvio Caldas, numa época em que as famílias enchiam os pulmões de ar para dizer a (futura) profissão da filha: professora primária. Profissão que hoje, além de não dar samba, só representa status mesmo para aquela camada da população que apenas recentemente vem tendo acesso ao segundo grau.

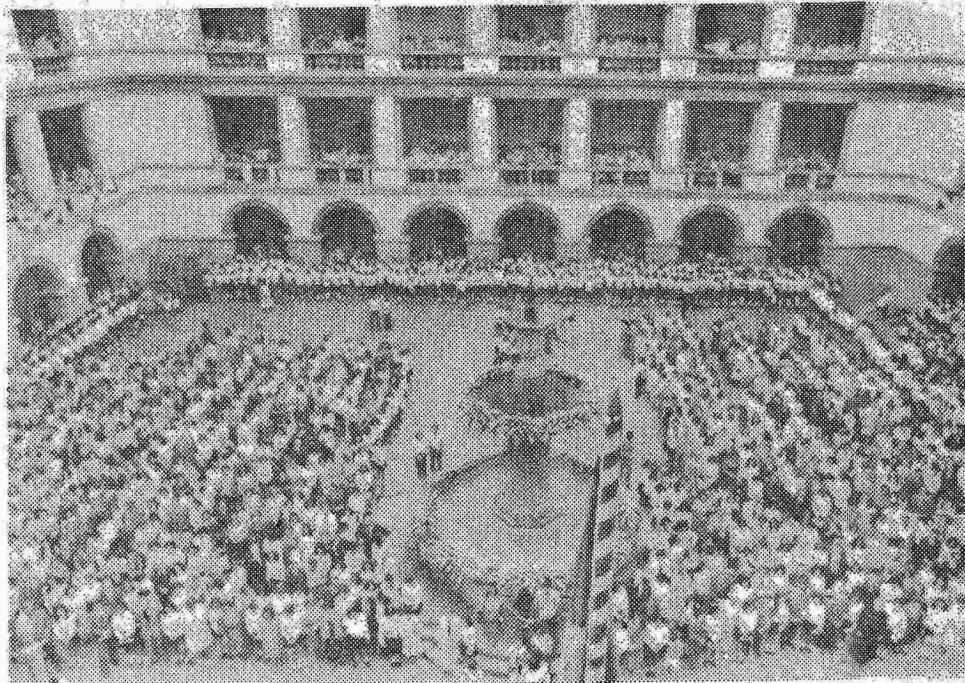
O fato é que, como um dos elementos fundamentais da educação, o professor primário tem carregado injustamente parte do peso do fracasso do ensino público elementar. A escola de formação de professores, como as demais, está defasada e o professor que forma não tem condições nem segurança para, tão logo terminado o curso, enfrentar uma turma de 40 crianças.

Quer pela deficiência do curso, quer pela vontade/necessidade de um trabalho que renda mais financeira e socialmente, a normalista, em geral, quer mais é fazer uma faculdade e talvez mudar de profissão. No entanto, este desejo — reafirmado em pesquisa da Fundação Getúlio Vargas — tem-se concretizado apenas para uma parcela bem pequena deste contingente.

Este ano, por exemplo, só 10% das 11 mil normalistas que disputaram uma das vagas do vestibular unificado conseguiram classificar-se. Há cinco anos, no entanto, o grupo teve desempenho bem melhor, com um índice de 27%. Neste mesmo ano — 76 — só 15% das candidatas a professora da rede municipal de ensino totalizaram os 60 pontos exigidos como mínimo.

Os educadores adotam duas posturas ao examinar o novo produto da escola normal e sugerir solução. Teresinha Saraiva, ex-Secretária de Educação do Rio, por exemplo, é das que acreditam que inovações a nível pedagógico, como o aumento da carga curricular, possam corrigir a situação.

— A má formação da normalista é problema que vai além do âmbito educacional e implica uma mudança de toda a filosofia de ensino, que deve valorizar o professor. Mas do que isso, da própria política do Governo, que, se não der prioridade e mais verbas ao setor de educação, não conseguirá tirar o ensino do país da crise de qualidade que atravessa — diz Marion Vilas Boas Sá Rego.



No Instituto de Educação, um futuro cada vez menos promissor